

Leonardo Boff*

O fim do princípio-Adão: o feminino é anterior ao masculino

A vida já existe na terra, há 3,8 bilhões de anos. O antepassado comum de todos os viventes foi provavelmente um bactéria unicelular sem núcleo que se multiplicava espantosamente por divisão interna ou por clonagem. Na clonagem, se não houver controle sobre a bactéria, em três dias ela toma conta do planeta, tal é sua vontade de vida e de auto-multiplicação. Mas sempre prevalece um equilíbrio que auto-limita este processo, caso contrário teríamos graves desequilíbrios ecológicos a ponto de a vida se tornar impossível. Isso durou cerca de um bilhão de anos.

Em seguida, surgiu uma célula com membrana e dois núcleos, dentro dos quais se encontravam os cromossomos. Nela se identifica a origem do sexo. Quando ocorria a troca de núcleos entre duas células binucleadas, gerava-se um único núcleo com os cromossomos em pares. Antes, as células se subdividiam por clonagem, agora se dá pela troca entre duas diferentes com seus núcleos. Revela-se assim a simbiose – composição de diferentes elementos – que junto com a seleção natural representa uma, não a única, das forças mais importantes da evolução.

O que muitos biólogos sustentam - inclusive o astrofísico Stephen Hawking, em seu livro "O Universo numa Casca de Noz" (Mandarim, São Paulo 2001) – na evolução e no processo biogênico não há simplesmente o triunfo do mais adaptável como pretendia Darwin. Tal visão é ainda insuficiente, pois não toma em conta as interdependências existentes entre todos os seres, já no seu nível físico-químico, bem antes do surgimento da vida. É essa interdependência, a cooperação de todos com todos que constitui a linha mestra do processo evolucionário.

A competição com a chance do mais adaptável triunfar só é possível no interior da interdependência e cooperação universal. O fraco também possui a sua chance e o seu lugar e graças à interdependência sobrevive. Este princípio originário da interdependência de todos com todos funda a sustentabilidade e explica a bio-diversidade e a pujança da vida.

Christian de Duve, prêmio Nobel de medicina, chega a dizer em seu conhecido livro "Poeira vital: a vida como imperativo cósmico", (Campus 1997) : "a vida, é como uma praga tão violenta que jamais se conseguiu exterminá-la" (p.368). Ocorreram na história da Terra quinze grandes dizimações de espécies vivas mas ela, a Terra viva, conseguiu sempre refazer a biodiversidade e ainda enriquecê-la.

Quando surgiu a sexualidade com a bi-polaridade masculino / feminino, veio junto a grande diversidade e a singularidade dos seres vivos. A troca do material genético se dá sempre sob um quociente quântico, isto é, sempre está vigente o princípio de indeterminação de Werner Heisenberg. Não se sabe jamais exatamente o que resulta das conjunções e que enriquecimentos ocorrem a partir dos dois tipos de capital genético, do feminino e do masculino. Tal fato tem consequências filosóficas: a vida é tecida mais de trocas, de cooperação e de simbiose do que da luta competitiva pela sobrevivência e pela concorrência como no nível dos negócios.

Quando se alcança o nível consciente e livre, essa riqueza e essa troca, passam da dimensão da exterioridade biológica, para a interioridade subjetiva, vale dizer, para o projeto pessoal. A sexualidade pode se transformar em um propósito de vida, vivido a dois e em liberdade, expresso pelo amor.

Esta opção não é mais regida pelo código genético que a biologia descreve. Aqui valem outros princípios ligados à inovação, à liberdade, à cooperação consciente, ao cuidado, ao amor sobre os quais se estruturam relações novas, criativas e livres também entre homem com homem ou mulher com mulher.

Retomando o fio da meada: nos dois primeiros bilhões de anos, nos oceanos ou nos lagos, de onde irrompeu a vida, não existiam órgãos sexuais específicos. Existia uma existência feminina generalizada que no grande útero dos oceanos, lagos e rios, gerava vidas. Nesse sentido podemos dizer que o princípio feminino é primeiro e originário e não o masculino. Assim se invalida o mito bíblico e cultural da primazia de Adão (do masculino). Só quando os seres vivos deixaram o mar, lentamente foi surgindo o pênis, algo masculino, que tocando a célula fêmea passava a ela parte de seu DNA, onde estão os genes.

Com o aparecimento dos vertebrados, os répteis, há 370 milhões de anos, estes criaram o ovo amniótico cheio de nutrientes e consolidaram a vida em terra firme. Com o aparecimento dos mamíferos há cerca de 125 milhões de anos já surgiu uma sexualidade definida de macho e de fêmea. Aí emerge o cuidado, o amor e a proteção da cria. Há 70 milhões de anos compareceu o nosso ancestral humano que vivia na copa das árvores, nutrindo-se de brotos e de flores. Com o desaparecimento dos dinossauros há 67 milhões de anos, ele pode ganhar o chão e se desenvolver chegando até aos dias de hoje.

Cabe detalhar melhor a complexidade implicada na sexualidade. O sexo genético-celular humano apresenta o seguinte quadro: a mulher se caracteriza por 22 pares

de cromossomos somáticos mais dois cromossomos X (XX). O do homem possui também 22 pares, mas com apenas um cromossomo X e outro Y (XY). Daí se depreende que o sexo-base é feminino (XX) sendo que o masculino (XY) representa uma derivação dele por um único cromossomo (Y). Portanto, não há um sexo absoluto, apenas um dominante. Em cada um de nós, homens e mulheres, existe "um segundo sexo".

Com referência ao sexo genital-gonadal importa reter que nas primeiras semanas, o embrião apresenta-se andrógino, vale dizer, possui ambas as possibilidades sexuais, feminina ou masculina. A partir da oitava semana, se um cromossomo masculino Y penetrar no óvulo feminino, mediante o hormônio androgênio a definição sexual será masculina. Se nada ocorrer, prevalece a base comum, feminina. Em termos do sexo genital-gonadal podemos dizer: o caminho feminino é primordial. A partir do feminino se dá a diferenciação, o que desautoriza o fantasioso "princípio-Adão". A rota do masculino é uma modificação da matriz feminina, por causa da secreção do androgênio.

Existe ainda o sexo hormonal. Todas as glândulas sexuais no homem e na mulher são comandadas pela hipófise, sexualmente neutra e pelo hipotálamo que é sexuado. Estas glândulas secretam no homem e na mulher os dois hormônios: o androgênio (masculino) e o estrogênio (feminino). São responsáveis pelas características secundárias da sexualidade. A predominância de um ou de outro hormônio, produzirá uma configuração e um comportamento com características femininas ou masculinas. Se no homem houver uma impregnação maior do estrogênio, terá alguns traços femininos; o mesmo se dá

com a mulher com referência ao androgênio, aparecendo alguns traços masculinos.

Por fim, importa dizer que a sexualidade possui uma dimensão ontológica. Quer dizer, o ser humano não possui sexo. Ele é sexuado em todas as suas dimensões, corporais, mentais e espirituais. Antes da emergência da sexualidade, o mundo é dos mesmos e dos idênticos. Com a sexualidade emerge a diferenciação pela troca entre diferentes. São diferentes para poderem estabelecer laços de convivência e de interrelação. Tal fato tem consequências antropológicas: a vida é tecida mais de trocas, de cooperação e de simbiose do que da luta competitiva pela sobrevivência.

É o que ocorre com a sexualidade humana: cada um, além da força instintiva que sente em si, sente também a necessidade racional-afetiva de canalizar e sublimar tal força. Quer amar e ser amado, não por imposição mas por liberdade. A sexualidade desabrocha no amor, a força mais poderosa "que move o céu e as estrelas" (Dante) e também nossos corações. É a suprema realização que o ser humano pode almejar. Mas retenhamos: o feminino é anterior, ele surge primeiro e é básico. O masculino só veio muito mais tarde no processo da sexogênese. Mas ambos se encontram para compor a unidade diversificada da espécie humana, de mulher e de homem.

***Leonardo Boff escreve para a revista LIBERTA (<https://www.revistaliberta.com.br>); escreveu também com Rose-Marie Muraro: Feminino-masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças, Record RJ 2010 (<https://www.leonardoboff.org>).**

Victor Corrêa*

Quem me receitou? Eu mesma

Minha tia não foi ao psiquiatra. Nem pretende ir.

Ela toma zolpidem por conta própria. O remédio promete sono em poucos minutos e entrega junto um cardápio de efeitos que ela não leu na bula: alucinações, episódios de confusão mental, comportamentos automáticos.

As chamadas trends nas redes sociais se acumulam, dia sim, outro também. Gente que faz compras pela internet de madrugada, envia mensagens, come sem saber. No dia seguinte, não lembra de nada. Contadas como piada, arrancam risadas. Como se fosse o preço aceitável de uma boa noite de sono.

Não acho engraçado.

Até porque o sono chega. Os problemas ficam.

O zolpidem é um hipnótico indicado para insônia de curto prazo. Não trata ansiedade, não resolve sofrimento psíquico, não dá conta do que a vida acumula. Ainda assim, virou resposta rápida para tudo isso. Segundo dados da Anvisa, as vendas saltaram de 13,1 milhões de caixas em 2018 para mais de 23 milhões em 2020 e continuaram subindo.

Perguntei a ela quem havia prescrito. "Eu mesma", respondeu, sem hesitar. E quando sugeri um psiquiatra, veio a resposta: "Vou marcar um

neurologista."

Há algo no psiquiatra que ainda assusta. Procurá-lo ainda carrega um peso que um neurologista, um cardiologista, qualquer outro especialista não carrega. Como um atestado de fraqueza. Uma admissão pública de que algo não vai bem por dentro.

O autoestigma não é imposto de fora. É incorporado. E não se limita ao remédio. Quando o peito aperta, a mente acelera, a mesma resistência aparece diante do psicólogo. Como se o silêncio fosse mais digno do que o cuidado.

E o custo desse silêncio aparece nos números. Segundo levanta-

mento do Instituto Ipsos, brasileiros demoram em média 39 meses para procurar ajuda médica após os primeiros sintomas de depressão. Três anos e três meses convivendo com o que dói, sem nomear, sem tratar.

Nesse intervalo, o imprevisto ocupa espaço. O zolpidem é um exemplo. Mas há muitos outros. O problema não é só de quem evita o psiquiatra. É também de quem tenta chegar até ele. No sistema público, a espera por uma consulta psiquiátrica pode se estender por meses. Quem não pode pagar, espera. E enquanto espera, se vira.

Do outro lado, as farmácias. O zolpidem exige receita azul desde

2024. A medida veio depois que a Anvisa constatou o crescimento no consumo e o aumento de relatos de uso irregular. Na prática, a fiscalização é frouxa. O remédio continua acessível em boa parte do país sem maior dificuldade. E não é o único. Outros medicamentos controlados com exigência de retenção de receita seguem o mesmo caminho.

Minha tia ainda não marcou o psiquiatra. Disse que vai ligar para o neurologista essa semana.

***Jornalista, mestre e doutorando em Gestão e Políticas Públicas pela Fundação Getúlio Vargas**